

DF espera por reação em 2004

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de um ano difícil, a exemplo do que ocorreu em todo o país, a economia do Distrito Federal aguarda por dias melhores em 2004. Apesar de algumas condições desfavoráveis, como a ausência de investimentos públicos, o achatamento da renda dos servidores e uma das maiores taxas de desemprego do país (*leia matéria nesta página*), a expectativa é de que setores como turismo, comércio, serviços, agricultura, informática e construção civil dêem uma guinada no próximo ano e puxem para cima os indicadores econômicos do DF.

"Acredito que o desenvolvimento virá da recuperação do crédito. Este processo já começou, mas ainda está se dando de maneira muito lenta. A partir do primeiro trimestre do ano, a recuperação do crédito vai voltar a aquecer o comércio, que no DF é muito representativo", avalia o consultor econômico Víctor José Hohl. Segundo ele, o crédito no Brasil representa apenas 27% do Produto Interno Bruto (PIB). "Em outros países, esse índice chega a 100%. Isso mostra que ainda precisamos crescer muito", afirma.

Além do comércio, outra grande aposta dos economistas está no turismo, seja de lazer ou de negócios. "O turismo será um importante pilar da recuperação econômica no DF. O Centro-Oeste tem grande potencial nisso, sem falar no turismo de eventos, que pode gerar empregos e trazer recursos de fora para os setores de comércio e serviços", diz Roberto Piscitelli, segundo-presidente do Conselho Regional de Economia do DF (Corecon-DF).

Turismo

O consultor Víctor José Hohl concorda. "O turismo, impulsionado pela força do setor hoteleiro local, terá forte crescimento em 2004", apostava. A expectativa tem respaldo na Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, que segundo boletim divulgado pelo sistema Fecomércio, espera um crescimento de 25% em relação a 2003, motivado principalmente pelas eleições municipais, que aumentam o fluxo de políticos e empresários em Brasília. Além disso, deverá ser concluída em 2004 a reforma do Centro de Convenções, o que deve atrair eventos para a capital.

O presidente da Federação das Indústrias do DF (Fibra) Antônio Rocha, também apostava na recuperação da economia, mas só a partir do segundo trimestre (*leia texto abaixo*). Segundo ele, as condições macroeconômicas

Carlos Vieira 12.4.00



O SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL DEVERÁ CRESCER EM 2004 COM A RETOMADA DE POLÍTICAS HABITACIONAIS E COM A REGULARIZAÇÃO DOS CONDOMÍNIOS

são favoráveis. "Temos um quadro positivo, com estabilidade cambial, controle inflacionário e juros em queda", justifica. Apesar da boa expectativa, Rocha prefere não fazer prognósticos de quanto a indústria local vai crescer em 2004.

Crescimento

O representante do comércio também ressalta as boas perspectivas, mas faz uma ressalva quanto à "qualidade" do crescimento. "Não tenho dúvidas de que a economia do DF vai crescer. Só não sei se esse crescimento será pene, duradouro", afirma Adelmir Santana, presidente da Federação do Comércio do DF (Fecomércio-

DF). "Nossa expectativa é a mesma do restante do país. O Brasil está preparado para o crescimento, e em Brasília não será diferente disso. Resta saber se será uma recuperação definitiva."

O professor de economia da Universidade Católica de Brasília José Luiz Pagnussat acredita que a economia do DF crescerá entre 3,5% e 4% no próximo ano, mesmo índice previsto para a atividade do país. Para isso, ele aposta na recuperação de setores como a construção civil, agroindústria e comércio. "A construção civil terá crescimento, em função de políticas habitacionais que serão retomadas e da regularização dos condomínios, que irão gerar no-

vas obras", acredita. "Além disso, há um potencial muito grande na agroindústria e no comércio, notamment este último, muito significativo para a economia local." Segundo dados da Fecomércio, o setor deve fechar o ano com crescimento próximo de zero.

Dependência

A principal dificuldade para a retomada do crescimento da economia do DF é sua forte dependência do setor público. Os servidores, por exemplo, que representam 20,5% da população ocupada, estão praticamente sem reajuste salarial há oito anos. Além disso, a redução dos investimentos por par-

te do governo afeta setores como a construção civil, onde as obras públicas representam mais de 60% do total, segundo dados do Sindicato da Construção Civil (Sinduscon-DF).

Esta dependência deve chegar a frear um desenvolvimento econômico mais forte no DF. A opinião é do economista Roberto Piscitelli. "A expectativa para o DF é menos favorável que no restante do país, principalmente porque nossa economia é muito dependente do setor público", ressalta. "No setor privado a economia local é pouco diversificada, o que nos faz depender muito dos investimentos públicos", completa.